

## “PREZADO POETA”: AS CARTAS DE CDA PARA DCS

---

MARIA LUCIA DE BARROS CAMARGO\*

### RESUMO

Até hoje inéditas, as 21 cartas que Carlos Drummond de Andrade enviou, ao longo de 31 anos (1943-1974), para Domingos Carvalho da Silva foram arquivadas pelo receptor juntamente a outras cartas recebidas de distintos missivistas. Tal correspondência evidencia a existência de um diálogo entre ambos; tal diálogo, todavia, passa ao largo das tensões entre o poeta modernista e o defensor da “geração de 45”, silenciando-as, deixando-as apenas subjacentes. Neste artigo, o propósito é apresentar esse conjunto de cartas, através de fragmentos comentados, de modo a evidenciar um outro lado da relação entre esses dois poetas, muitas vezes situados em campos opostos e antagônicos da poesia brasileira após 1945.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correspondência. Geração de 45. Carlos Drummond de Andrade. Domingos Carvalho da Silva.

---

“Pede-me o Prof. José Aderaldo Castelo — uma das raras pessoas que, neste País, têm contribuído, com suas pesquisas, para o conhecimento de nosso passado literário — que preste o meu depoimento sobre ‘a poesia e a geração de 45’.” (RAMOS, 1976, p. 2). Com essas palavras, o poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos abriu a sua palestra durante um curso de férias promovido em 1974 pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Enfatizando o necessário uso da opinião pessoal baseada na experiência vivida que caracteriza um depoimento, e sem omitir o seu incômodo com o tipo de repercussão obtida (embora diga “pouco importa a incompreensão que exista”),

---

\* Doutora em Letras. Professora aposentada titular de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Este trabalho foi realizado com auxílio de bolsa de pesquisa, modalidade PQ – CNPq.

E-mail: mlbcamargo@uol.com.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8659-7167>

Péricles expôs a sua visão acerca da história do que chamou de “novo movimento” na poesia, fez a defesa dos princípios poéticos que nortearam a produção do grupo e rechaçou as críticas recebidas ao longo de 30 anos. Tratou também das influências recebidas, destacando-se, dentre elas, a dos poetas modernistas, principalmente a de Carlos Drummond de Andrade. Esse “Depoimento sobre a geração de 45” (1976, p. 2-19), publicado por seu antigo companheiro de geração, Domingos Carvalho da Silva, fez a abertura do segundo número da *Revista de Poesia e Crítica*<sup>1</sup> em dezembro de 1976.

Se para Péricles Eugênio da Silva Ramos a sua poesia não se fez “contra 22 nem 30” (1976, p. 7), o mesmo não se pode dizer a respeito de muitos dos participantes desses grupos, formados principalmente em torno de duas revistas: *Orfeu* e *Revista Brasileira de Poesia*, lançadas, a primeira no Rio de Janeiro, em outubro de 1947, e a segunda em São Paulo, em dezembro do mesmo ano. Ambas se posicionavam claramente contra a poesia modernista e os seus poetas, tanto os dos anos 20, como os dos anos 30, chegando, no caso da *Orfeu*, a ser bastante agressiva em seu combate. Neste quadro, Carlos Drummond de Andrade, o poeta mais influente, era também o mais atacado. E isso talvez explique a confissão da surpresa de Péricles diante da revelação que lhe fizera o seu amigo e parceiro de criação e condução da *Revista Brasileira de Poesia*:

E literalmente abri a boca, alguns anos mais tarde, quando Domingos Carvalho da Silva me exibiu uma carta de Carlos Drummond de Andrade com minuciosas considerações técnicas sobre poesia. Pois então Domingos se correspondia com Drummond? (RAMOS, 1976, p. 3)

Sem entrar no mérito do grau de efeito retórico que pode estar contido na fala de Péricles, a resposta é: sim, Domingos Carvalho da Silva

---

<sup>1</sup> A *Revista de Poesia e Crítica*, uma espécie de continuidade extemporânea e anacrônica da *Revista Brasileira de Poesia* (1947-1956), foi lançada em julho de 1976; liderada por Domingos Carvalho da Silva, apresenta-se ela “Em defesa da poesia”, como anuncia o próprio Domingos no editorial de abertura (ano I, n.1, julho de 1976, p.2-5), a que poderíamos acrescentar: “defesa da poesia e da geração de 45”.

se correspondia com Carlos Drummond de Andrade, e as cartas que lhe enviou fazem parte hoje do acervo do poeta mineiro depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa<sup>2</sup>; já as 21 missivas que Domingos recebeu de Drummond fazem parte de um arquivo pessoal e privado, o “arquivo DCS”, designação usada aqui para o acervo com a correspondência passiva de Domingos Carvalho da Silva<sup>3</sup>, composto de mais de 900 correspondências recebidas, agrupadas pelo próprio poeta em oito pastas, divididas em dois grupos. O segundo grupo, com apenas duas pastas organizadas pelo local de origem do remetente, reúne correspondência enviada a partir do final da década de 1970; já o primeiro e mais volumoso grupo, o que aqui nos interessa, cobre o período do início dos anos 1940 até meados dos anos 70, e é constituído de seis pastas. Nas capas, há uma etiqueta manuscrita em que se lê “Cartas Literárias”, seguida da informação sobre o volume: Vol.1- A-B; Vol.2 - C-E; Vol. 3 - F-I; Vol.4 - J-K; Vol. 5 - L-N; Vol. 6 - O-R. Como a ordem alfabética considera o primeiro nome do missivista, encontramos a correspondência de Carlos Drummond arquivada no “Vol. 2”<sup>4</sup>.

O diálogo epistolar entre Domingos Carvalho da Silva e Carlos Drummond de Andrade que encontramos nesse arquivo pode ser dividido em duas etapas ou fases: a primeira teve início em 1943 e, após 12 cartas e um telegrama, foi interrompida em 1947. Dez anos de silêncio epistolar marcam a distância temporal entre as duas etapas: encontram-se no arquivo outras oito missivas que reatam o diálogo, agora bastante intermitente e com diferenças de tom relativamente à primeira fase. Esta segunda etapa vai de 1957 a 1974, com longos intervalos entre os envios, que chegam a

---

<sup>2</sup> Ainda não me foi possível realizar a pesquisa no arquivo da Casa de Rui Barbosa para armar a “correspondência recíproca entre ambos”.

<sup>3</sup> Após o falecimento de Domingos em 2004, o acervo, propriedade da família, foi levado de Brasília para Florianópolis por Antonio Fabio Carvalho da Silva, filho do poeta residente nessa cidade, a quem agradeço fortemente o acesso a esse rico material, atualmente sob a minha guarda.

<sup>4</sup> Para uma visão mais ampla sobre o “arquivo DCS”, ver BASTOS, Laíse Ribas. Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura. *Boletim de Pesquisa Nelic*, v. 17, n. 27, p. 31-40, 2017.

três anos, como o ocorrido entre janeiro de 1963 e outubro de 1966. Cada vez mais rarefeito, o diálogo se encerra com um cartão datado de janeiro de 1974, mesmo ano do depoimento de Péricles, que talvez não soubesse que Domingos ainda se correspondia com Drummond no início daquele ano.

Não é possível afirmar com segurança que o poeta arquivista tenha guardado todas as cartas recebidas de Drummond, que não tenha havido extravios ou mesmo descartes; no entanto, o gesto colecionador de Domingos, a organização e a designação dadas a esse conjunto – “cartas literárias” – demonstram a preocupação do arquivista em deixar um registro histórico que pudesse marcar a sua posição no campo literário brasileiro e, potencialmente, projetar para o futuro a militância de uma vida em defesa de sua “geração”, como se pode constatar especialmente na nostálgica *Revista de Poesia e Crítica*.

O diálogo epistolar entre os dois poetas, mais denso e frequente na primeira fase (1943-1947), foi interrompido, sintomaticamente, um pouco antes do lançamento das já mencionadas revistas *Orfeu* e *Revista Brasileira de Poesia* e, obviamente, antes do Congresso Paulista de Poesia de 1948, que incluiu Drummond entre os “convidados especiais”<sup>5</sup> e teve Oswald de Andrade como participante e ativo antagonista das propostas apresentadas por Domingos na rejeitada tese “Há uma nova poesia no Brasil”<sup>6</sup>, na qual, como se sabe, Domingos elege o ano de 1945 como o

---

<sup>5</sup> A sessão “Noticiário”, com informes sobre a organização do congresso, publicada no segundo número da *Revista Brasileira de Poesia* (abril de 1948, p. 58-59) traz a lista dos 27 “convidados especiais”, em ordem alfabética, incluindo críticos e poetas oriundos de distintas inserções no campo literário, como, por exemplo e para ficarmos apenas com os poetas, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Manuel Bandeira, Mario Quintana e Murilo Mendes, os quais, assim como Drummond, não compareceram ao evento, e também Bueno de Rivera e Lêdo Ivo, que não apenas participaram ativamente do congresso, mas também se tornaram nomes fortes da “geração de 45”.

<sup>6</sup> “O parecer da Comissão incumbida do exame das teses, assinado por Jamil Almansur Haddad – relator; José Eduardo Fernandes, Paulo Mendes de Almeida, José Tavares de Miranda e Patrícia Galvão: [...] ‘rejeita as conclusões da tese, ao mesmo tempo que discorda ainda de várias de suas premissas. Recomenda, entretanto, sua publicação nos Arquivos do Congresso’. O texto é o seguinte: [...]” (REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, 1948, p. 66)

marco temporal que deu o nome de batismo aos novos poetas: “Geração de 45”. Em outras palavras, a interrupção dos envios epistolares coincide com o acirramento dos ataques aos modernistas e a Drummond, assunto que passou ao largo da correspondência entre ambos, correspondência essa que oscilou do afável protocolar dos cartões de obrigação, com agradecimentos pelo envio de livros, poemas e artigos, plenos de polidez retórica, ao aconselhamento poético e a declarações de cumplicidade e amizade aparentemente sinceras. Mas, para observarmos um pouco mais de perto esse movimento, vamos às cartas, acompanhando a cronologia dos envios.

A primeira correspondência enviada por Drummond a Domingos foi um simpático cartão com timbre do “Ministério da Educação e Saúde / Gabinete do Ministro”, datado de 23 de março de 1943, datilografado, com assinatura manuscrita, através do qual Drummond agradece a Domingos o envio de seu primeiro livro, o *Bem-Amada Ifigênia*, que acabara de ser publicado. Dirigindo-se “Ao prezado poeta Domingos Carvalho da Silva” (uma fórmula polida e bastante protocolar, diga-se), Drummond escreve:

Agradeço cordialmente o gesto de simpatia com que me distinguiu, oferecendo-me um exemplar de “Bem-amada Ifigênia”, esse inquieto livro de versos, de que me ficou na memória, como página mais bela, a “Tragédia sobre o mar alto”. (ANDRADE, 23 mar. 1943)

Segundo o “catálogo cronológico” que abre o “inquieto” *Bem-amada Ifigênia*, o poema destacado por Drummond foi escrito em 1939. São 52 versos em redondilha maior, divididos em cinco partes desiguais, cujos versos de abertura — “No mar largo, no mar alto, / há três barquinhos à vela. // Há três barquinhos à vela!” (SILVA, 1943, s/p) — se repetem como uma espécie de refrão, especialmente o segundo verso, que retorna 15 vezes ao longo do poema. Se essa estrutura repetitiva pode remeter às tradições da cantiga medieval portuguesa, impossível não pensar no insistente “No meio do caminho tinha uma pedra”, de Drummond, poema que foi objeto de elogiosa atenção crítica de Domingos em mais de um artigo, como se verá adiante.

Aparentemente, não se confirma a hipótese aventada por Camilo (2020) de que Domingos Carvalho da Silva teria “[...] acatado muitas sugestões feitas a seu livro de estreia<sup>7</sup> [...] por Drummond, a quem viria a dedicar seu segundo livro, *Rosa Extinta* [...]” (p.157-158). Não temos registro de contato anterior ao envio do livro, já publicado, que Domingos faz a Drummond, objeto do agradecimento nessa primeira missiva. Na verdade, as sugestões de Drummond, nem sempre (ou quase nunca...) acatadas, serão dadas para o segundo livro. Voltaremos a isso.

Oito meses se passaram até a segunda correspondência enviada por Drummond: uma carta com duas páginas datilografadas, também no papel timbrado, datada de 8 de novembro de 1943, dirigindo-se agora ao “Prezado amigo Domingos Carvalho” (com a declaração de amizade reiterada na assinatura — “seu amigo Carlos Drummond”), para mais uma vez agradecer, agora por um artigo:

Seu artigo foi para mim uma surpresa: tão corajoso, tão simpático. Reações dessa ordem, suscitadas pela poesia, tem para mim um sentido humano e fraterno, que compensa bem todas as incompreensões. Confesso-lhe que os ataques de má-fé ou burrice por vezes me magoam, mas, do ponto de vista estritamente literário, me deixam indiferente, nunca deixei de escrever qualquer coisa com receio de que ela desagradasse. [...]

[...]

Mando-lhe junto os versos pedidos. Não para publicar. Apenas para que você os leia. Agradeço muito seu gesto de simpatia espontânea e nobre. Mande-me também poemas inéditos seus. Quando vai dar outro livro? (ANDRADE, 8 nov. 1943, grifo meu)

Nesta carta, Drummond se refere ao artigo “Os sapos contra Drummond”, que Domingos Carvalho da Silva publicou no *Correio*

---

<sup>7</sup> Na verdade, o livro de estreia de Domingos, *Imensidade*, foi publicado em 1934 e totalmente renegado pelo poeta a partir de *Bem-amada Ifigênia*, sua, digamos, estreia oficial.

*Paulistano*<sup>8</sup> em 31 de outubro de 1943, com firme defesa do poeta do “poema da pedra”. Nesse artigo, Domingos ainda considera Drummond um dos nomes mais expressivos do modernismo e repudia os ataques a ambos<sup>9</sup> — ao modernismo e a Drummond — como “técnica de autopropaganda” praticada pelos “novos”. A ideia de fraternidade que compensa as incompreensões parece pautar a afabilidade das relações entre ambos os poetas e permite a inclusão de Domingos na categoria dos amigos.

Mas apesar do reconhecimento e do elogio crítico à poesia de Drummond, Domingos não respeita o pedido daquele que o chama “amigo” e publica no mesmo *Correio Paulistano*, em 20 de fevereiro de 1944, os poemas enviados por Drummond com o pedido de “não publicar”: “Anúncio da rosa” e “Fragilidade” vêm a público com o destaque: “Dois poemas inéditos de Carlos Drummond de Andrade”. No domingo seguinte, 27 de fevereiro, o jornal estampa mais um poema de Drummond: “Procura da poesia”<sup>10</sup>.

Dois dias depois, 29 de fevereiro, Drummond escreve a Domingos agradecendo “sua carta e seus poemas”, ou seja, os originais ainda inéditos do livro que Domingos publicaria no ano seguinte, *Rosa extinta*. Diz

---

<sup>8</sup> Talvez não seja exagero dizer que o *Correio Paulistano* funcionava, naqueles anos, como espécie de caixa de ressonância ou órgão auxiliar do “grupo”: nas páginas culturais do jornal, pontificam, além de Domingos, Carlos Burlamaqui Köpke, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Geraldo Vidigal, dentre outros.

<sup>9</sup> Em carta a Mário de Andrade de 14 de agosto de 1943, Drummond menciona os ataques de que vinha sendo alvo: “Sobre a pancada que ando levando... Bem, é da vida e da sujeira das coisas. Tudo que é gente safadinha e parasita de certos círculos oficiais está contra mim. [...] E que dificuldade em ficar calado! Custa muito não responder. [...] Mas é preciso calar, já compreendi isto, não topar a provocação, esperar tempos melhores.” (ANDRADE, 2002, p. 492). As notas de Silvano Santiago acerca desse episódio são bastante esclarecedoras. Cf. ANDRADE, 2002, p. 492-493.

<sup>10</sup> As pequenas variações entre a versão no jornal e as publicações de *A rosa do povo* estão devidamente registradas na edição crítica de 2012. Quanto a esses “originais” – não ficaram guardados na pasta das correspondências, nem sei nada sobre seu paradeiro; seriam datiloscritos similares ao de “Consideração do poema”, enviado a Vinícius de Moraes em 26 de agosto de 43? (ANDRADE, 2012, p. 301).

Drummond: “Gostei muito da rosa extinta. Ela me parece um passo à frente da *Bem amada Ifigênia*. E é bom assistir ao avanço dos poetas em que confiamos.” Apesar da declaração de confiança, Drummond agradece o envio da página do *Correio Paulistano* com “meus versos”, mas acentua: “eles não eram para ser publicados. [...] mandei-os apenas para sua leitura, que me interessava” (ANDRADE, 1944). E pede que não publique um terceiro poema, porém era tarde demais: como vimos, “Procura da poesia” foi publicado. Talvez nunca saibamos que interesse teria Drummond na leitura que Domingos faria desses poemas tão significativos e que viriam a integrar a outra rosa, a do povo. Podemos pensar, no entanto, que a leitura que interessava, no passado, já não mais interessa ao poeta.

Este episódio das publicações não autorizadas viria a ser mencionado por Domingos em artigo no mesmo *Correio Paulistano*, publicado em 9 de novembro de 1952, período em que os ataques a Drummond eram intensos e no qual o diálogo epistolar cessara. No referido artigo, “Um prefácio e outros equívocos”, a propósito do prefácio com que Geraldo Vidigal abre o seu livro de poemas intitulado *Cidade*, Domingos não apenas defende a “pesquisa estética” como uma espécie de denominador comum aos membros da “geração”, mas especialmente avança no argumento falacioso, porém comum a vários de seus colegas de geração, da influência invertida, ou seja, a de que os “novos” influenciavam os “velhos”. Criticando ainda, no mesmo texto, um artigo de Emanuel de Moraes, diz:

A geração de 45 não surgiu, como a de 22, para fazer uma revolução ou uma arruaça, para demolir e reconstruir a poesia nacional dentro de um prazo fixo. Na verdade, ela nem sequer desconfiou de que estava nascendo. De repente, descobriu-se a si mesma. Seu caminho está porém no início e não há motivo para que já surjam os anátemas e os expurgos. E por tudo isso parece-me igualmente equivocada a atitude assumida pelo sr. Emanuel de Moraes, em seu artigo “Drummond e a geração de 45”, publicado no *Diário Carioca* do último domingo.

Quis o jovem articulista apontar as influências do sr. Carlos Drummond de Andrade nos poetas da nova geração. É inegável que tal influência existe em alguns desses poetas, embora se atenuie cada vez

mais. É porém imperdoável exagero a afirmativa de que a geração de 45 encontrou o “sumo de sua técnica poética” no poema “Procura da Poesia”, do sr. Drummond. Esse belo – e mesmo grande – poema aconselha a busca da poesia no “reino das palavras”. E esta é uma das preocupações dos poetas novos, é certo, mas não a única. Outras eu apontei [...] e entre elas têm importância das maiores as que se referem ao ritmo e à construção do verso.

Na futura história da poesia atual não poderão ser desprezados certos fatores, inclusive de ordem cronológica. E então, se nessa hipotética história a poesia do grupo de 45 tiver um lugar de alguma importância, e se houver de ser pesquisada a verdade, a teoria da influência do sr. Drummond sobre a geração nova ficará seriamente comprometida, se não arruinada.

Examinemos o caso do poema citado pelo senhor Emanuel de Moraes. Esse poema foi publicado em São Paulo – se não me falha a memória – em dezembro de 1943. Eu o publiquei, contrariando a vontade, aliás, do seu ilustre autor. Ocorre porém que em 1943 a geração nova já existia [...]. (SILVA, 1952, p. 4, grifo meu)

Como se vê, na preocupação com o lugar a ser ocupado na história da poesia brasileira, a confissão da deslealdade não envergonha o autor de *Bem-amada Ifigênia* — bem ao contrário, orgulha-se dela, em tom irônico e bastante distinto daquele que parece ter presidido o diálogo entre ambos nos idos de 1943-44. Voltemos a ele: os originais de *Rosa extinta*, recebidos e elogiados por Drummond na carta de 29 de fevereiro acima citada, vão provocar a mais longa e mais importante carta de Drummond a Domingos, datada de 9 de novembro de 1944, provavelmente a carta evocada por Péricles Eugênio no depoimento de 1974. Em oito páginas manuscritas, o poeta assume, mesmo que a contragosto, a função de aconselhar<sup>11</sup>:

---

11 Neste caso se confirma plenamente a observação de Camilo (2020, p. 157) quanto ao papel desempenhado por Drummond em relação aos “novos”, próximo daquele exercido por Mario de Andrade para os da sua geração.

V. me confiou um encargo difícil: entrar pelo seu livro adentro, analisar, julgar, condenar. Essa tarefa, que eu faço espontaneamente depois do livro publicado, e na qualidade de leitor, custa-me realizá-la no livro em estado de projeto, quando ainda funciona a vontade do autor, e há mil soluções possíveis para cada caso. Como recomendar a melhor solução? E com que direito? (ANDRADE, 9 nov. 1944)

Apesar das declarações de repúdio ao aconselhamento, à interferência antes da publicação, inclusive com palavras fortes — “é sempre com repugnância que aconselho um poeta” — Drummond vê em Domingos um poeta completo (mesmo que em fase de crescimento...): “já organizou sua forma e se lança com gesto seguro às aventuras mais audaciosas”. Elogia a capacidade de manejar o verso e de brincar com as rimas, mas, como nem tudo são flores, após os elogios vêm os fortes reparos: alerta que Domingos tem muito a fazer nos planos da expressão e da composição, “inclusive libertar-se da excessiva habilidade de trapezista do verso, que o distingue. Isto no terreno formal.” Ou seja, a virtude do manejo do verso e das rimas se transforma em excesso vicioso. Mas não para por aí.

Quanto ao terreno conceitual, Drummond destaca

[...] o conflito latente entre uma preocupação política de sentido revolucionário agudo e o gosto, herdado da “Bem Amada Ifigênia”, de sentir a vida como espetáculo e a poesia como um jogo correspondente. A primeira tendência conduz V. às vezes até o pior Castro Alves; a outra se manifesta principalmente nos poemas que você censura com admirável autocrítica. Não acho ruim este conflito. Acho-o ótimo e é dessa contradição viva e operante que sua poesia sairá mais firme e depenada. (ANDRADE, 9 nov. 1944)

Drummond enfatiza, mais uma vez, um progresso visível entre *Bem-amada Ifigênia* e *Rosa extinta*, o que, em si mesmo, não é um grande elogio; reconhece que o poeta está em “fase de crescimento” na “cisão cada vez mais larga e sensível da terra e seus problemas”. Elogia versos do poema “Essência e forma” — “forma perpétua / da matéria efêmera”

—, para mostrar que são essas contradições que nutrem a poesia, e que “à custa desses choques vai abrindo seu caminho para uma situação lírica rigorosamente exata e liberta de fórmulas e preconceitos metafísicos”.

É interessante observar o quanto Drummond, apesar das fortes críticas ao *Rosa extinta*, inclui Domingos como participante dessa mesma comunidade de poetas – “nós todos poetas de hoje e do Brasil” – que enfrenta problemas e questões simultaneamente coletivas e muito pessoais:

Eu acho, Domingos Carvalho da Silva, que nós todos poetas de hoje e do Brasil nos debatemos com iguais problemas, dúvidas, indecisões, covardia e ciladas, e temos que nos desvencilhar com os nossos próprios recursos pessoais e com a observação do que se vai fazendo por aí afora, com o recolhimento humilde das grandes lições do tempo. Ninguém sabe que espécie de poesia vai sair de tudo isso. A atual não ficará, parece certo; é tremendamente de transição demais, não pode ficar. (ANDRADE, 9 nov. 1944, grifo meu)

Nessa reflexão acerca do tempo presente e dos poetas que “refletem a angústia de hoje”, Drummond não vê permanência possível para a poesia que chama de atual, muito colada a seu tempo – “Não faça versos sobre acontecimentos.” (2012, p. 306), disse o poeta no poema enviado para a leitura de Domingos –, mas vê / imagina, tempos melhores, apesar do inconformismo expresso no “não pode ficar”:

Quando se diz que certos poetas refletem angústia de hoje e portanto ficarão, eu penso que é possível, mas simplesmente como sinais de um tempo em que o processo revolucionário está simplesmente começando, e não era possível ir mais longe do que a angústia geral. Mas a angústia geral passa. O homem não é um animal danado, como querem os católicos, esses profissionais da agonia. Ele deve organizar uma vida econômica e política melhor, e então novos conceitos de felicidade arte se apresentarão. De um estado de plenitude deve surgir uma literatura e uma arte de plenitude. Até lá... Tentemos abrir o nosso caminho, você com as suas rosas de sentido múltiplo, suas alucinações

lúcidas, sua imagística profana, seus dons de poeta que às vezes me perturbam. V. talvez seja hábil demais... e eu, com as minhas experiências de simplificação e de expressão de tendências e aspirações que não sei aonde me levarão. O que é preciso é tocar para frente, eu sei que V. vai tocando. (ANDRADE, 9 nov. 1944)

Os perturbadores “dons de poeta” serão os mesmos que fazem de Domingos um “trapezista do verso”, um exímio manejador de rimas, um manejador das formas tradicionais, tão distante de quem diz “Não rimarei a palavra sono / com a incorrespondente palavra outono. / Rimarei com a palavra carne / ou qualquer outra, que todas me convêm.”? (ANDRADE, 2012, p. 302). Sabemos hoje a que nível de expressão e a que grande permanência de sua poesia levaram o que Drummond chamou de “experiências de simplificação e de tendências e aspirações” em tempos de elaboração da *Rosa do povo*, ao passo que os dons de poeta de seu interlocutor não encontraram o mesmo caminho, ficando a outra rosa praticamente extinta.

Após essa reflexão acerca do estado da arte e da poesia, que é também uma reflexão sobre o estado do mundo em que se vislumbra alguma saída, Drummond volta a tratar do livro para críticas finais: sugere “podar” o poema “Autobiografia” do “excesso de condoreirismo e demagogia sentimental” e pede que Domingos considere a possibilidade de mudar o título do livro – “sei bem o quanto representa para V., à luz dos poemas do livro; mas, se V. o mudasse? Saiu há pouco a “Rosa leve”, de Maria Isabel e não seria bom que se confundisse sua poesia com a outra, bela mas tão frágil” (ANDRADE, 1944, n.p.) – o que não foi acatado por Domingos. Estaria Drummond querendo evitar que se confundisse também com sua *A rosa do povo* ainda inédita? Em suma, “posto de lado o malabarismo das rimas, que almeja ao malabarismo das ideias”, além do “excesso de exclamação”, o livro “agradou muito” a Drummond, que agradece a dedicatória.

No P. S. que encerra a carta, Drummond informa que vai comentar os versos, a lápis, no próprio livro. Não tenho notícias, até agora, desse

datiloscrito anotado por Drummond, que poderia nos mostrar se algumas das sugestões ou críticas foram incorporadas; aparentemente, não. Mas isso não impede que Drummond, na carta seguinte, de 4 de agosto de 1945, seja bastante elogioso tanto ao poema “Mensagem ao expedicionário Geraldo Vidigal”<sup>12</sup> – “poesia da melhor qualidade, em que o problema da expressão do tema político está resolvido plenamente” –, quanto à publicação do *Rosa Extinta* “– exemplar n.1, dedicatória impressa! –”. Os agradecimentos incluem a renovação dos elogios: livro importante no quadro da poesia da época, salto qualitativo em relação ao livro anterior, poeta em crescimento: “da ‘Bem-amada Ifigênia’ a essa ‘Rosa’, que salto V. deu!”... O que, convenhamos, não quer dizer, necessariamente, poeta bom: “Na nossa quase absoluta ausência de novos poetas”, diz Drummond, “V. inspira confiança e entusiasmo.”

É nessa mesma carta tão cordial e elogiosa que Drummond pede a Domingos que envie o *Rosa extinta* a João Cabral, Wilson Castelo Branco, Paulo Mendes Campos, Otto Maria Carpeaux e Henriqueta Lisboa – “se não for abuso” – e fornece os respectivos endereços. João Cabral virá a ser outro correspondente de Domingos Carvalho da Silva<sup>13</sup>, quem, por sua vez, fará publicar, no número 4 da *Revista Brasileira de Poesia*, as traduções cabralinas de poetas catalães. Ainda nessa carta de “4. 8. 1945”, Drummond menciona com satisfação – “soube que vamos trabalhar juntos” – um projeto de tradução da poesia de Pablo Neruda, em que caberia ao Domingos a tradução dos “20 poemas de amor e uma canção desesperada”, e a Drummond, uma seleção de outros poemas do poeta

---

<sup>12</sup> Poema posteriormente inserido em *Espada e flâmula* (1950, p.15-18), livro anunciado em *Rosa extinta* como “em preparo: ‘Espada e flâmula’– poemas anti-fascistas”.

<sup>13</sup> Sobre as cartas de Cabral para Domingos, cf. BASTOS, Laíse Ribas; CAMARGO, Maria Lucia de Barros. “Meu caro Domingos”: as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva. *O Eixo e A Roda*, Belo Horizonte, ahead of print, fev. 2020. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/16055](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/16055). Acesso em: 15 jun. 2020.

chileno<sup>14</sup>: “estou muito contente com isso”. Para finalizar a carta, o poeta mineiro se despede com “Um abraço afetuoso do Carlos Drummond”, após mencionar a expectativa de enviar a Domingos, até o final daquele ano, “a minha ‘Rosa do povo’, ed. José Olympio, (prima-irmã da sua rosa)”, em mais um gesto de aproximação e afabilidade.

O diálogo epistolar abre o ano de 1946, em 4 de janeiro, com cartinha quase informal – Caro Domingos/ Um grande abraço do Carlos – em que o uso do primeiro nome, ainda não encontrado nas cartas anteriores, revela proximidade, afeto, talvez confiança, alguma intimidade, em que votos de bom ano novo se estendem à família. Nesta pequena carta, Drummond faz menção a uma esperada contribuição para antologia<sup>15</sup>, e agradece o envio a Maria Julieta de “palavra de simpatia” sobre “Busca”<sup>16</sup>.

Menos de um mês depois, em 21 de janeiro, o primeiro parágrafo da carta é invadido pelo tom pessimista e cético em lugar do precedente tom otimista em relação “à melhoria do mundo” no ano que se inicia. Talvez esse tom apareça acentuado em virtude do que se segue: a menção aos “insultos daquele sujeito de que me fala<sup>17</sup>”. Apesar de aparentemente instado por Domingos a reagir, Drummond opta por não responder, por não dar eco a tais ataques, ao mesmo tempo que reflete ceticamente sobre a natureza da espécie humana:

A única coisa que faço com relação a ele é não lê-lo. Tenho vivido um bocado, meu caro Domingos, para aprender que em tais casos o com-

---

<sup>14</sup> O assunto “tradução do Neruda” se estende por outras cartas. Apenas a tarefa atribuída a Domingos se concretizou — ver NERUDA, Pablo. *20 poemas de amor e uma canção desesperada*. Tradução Domingos Carvalho da Silva. São Paulo: Martins, 1946.

<sup>15</sup> A menção à projetada “antologia drummondiana de poesia social” (CAMILO, 2020, p. 158) — “estou aguardando sua contribuição” — sugere a existência de alguma comunicação anterior acerca do assunto, um convite..., porém não está no arquivo DCS. Terá havido contato pessoal?

<sup>16</sup> A novela *A busca* foi o primeiro livro de Maria Julieta Drummond de Andrade, publicado pela Editora José Olympio em 1946.

<sup>17</sup> Não interessa, aqui, fulanizar o episódio, apenas marcar a postura de Drummond diante dos ataques sofridos. Ver também a nota 10.

pleto silêncio – tão difícil de manter, ante os primeiros ataques – é a melhor solução. A sociedade burguesa oferece três soluções: xingar em resposta, com igual ou maior violência; quebrar a cara ou dar tiro; e processar o sujeito. Nenhuma delas a meu ver resolve satisfatoriamente o assunto; a mim, nenhuma delas daria a sensação de um resultado justo e compensador. É preciso deixar existir esses tipos, não (ilegível) as provocações, não os conhecer, não sofrer nem se irritar por causa deles. Fazem parte da espécie humana, que é muito ruim, e destruindo um você não destruiria a espécie. De qualquer modo sou sensível ao interesse amigo que o caso lhe suscitou, e ao seu gesto nobre e afetuoso. (ANDRADE, 21 jan. 1946, grifo do autor)

Ao lado dessas palavras, inscrito verticalmente na margem, lemos uma pergunta: “Como vai a tradução dos ‘20 poemas’?” Saberemos, na carta seguinte (29 de março de 1946), que a tradução feita pelo Domingos ia bem, mas que Drummond desistiu de sua parte na empreitada que, aparentemente, estava sendo oferecida a (ou disputada por) Domingos:

Você pode pegar sem nenhum constrangimento a tradução dos poemas escolhidos de Neruda. Já há muito escrevi ao José Neves desinteressando-me desse trabalho. E é bom que o nome escolhido seja o seu: as amostras de tradução dos “Vinte poemas”, que você me mostrou, pareceram-me excelentes. Assim, “e antes que algum aventureiro o faça”, aceitando a tarefa você prestará um serviço à poesia e a Neruda. (ANDRADE, 29 mar. 1946)

Na mesma carta, o P.S. retoma a discussão acerca da tradução de Neruda, defendendo mais uma vez que o trabalho deveria ser feito por um único tradutor: “Seria bom que o Neves atentasse nisso e não compromettesse a unidade do trabalho com a escolha de vários sujeitos em geral não sincronizados, e certamente não nerudizados no mesmo grau.” (ANDRADE, 29 mar. 1946).

Em 10 outubro de 1946, em uma breve cartinha, Drummond informa ter escolhido, para sua “antologia brasileira de poesia de caráter social”, o poema “Autobiografia” (aquele mesmo cuja versão original

precisava ser, como vimos, “podado de excesso de condoreirismo” ... terá sido?), de *Rosa extinta*. E acrescenta: “Ou você terá poema que considere mais representativo do lado ‘social’ de sua poesia? Se tiver, mande-me uma cópia. De um ou de quantos tiver.” Vemos nessa carta, além da renovada demonstração de apreço, a persistência de indicadores de confiança e parceria.

No início do ano de 1947, com data de 10 de janeiro, Domingos recebe uma carta de Drummond muitíssimo elogiosa sobre a tradução dos *20 poemas* de Neruda, bem como agradece o envio de material para a antologia<sup>18</sup>. Na sequência, em 19 de fevereiro de 1947, Drummond continua a conversa sobre as indicações para a “antologia”, e a inclusão de uma “poetisa”, autora de versos quando muito “passáveis”, ou seja, trava-se uma conversa de amigos acerca das políticas do campo literário: “eu tinha de incluir a poetisa na antologia, mas não tinha coragem”.

Em carta de 11 de março de 1947, a última do primeiro conjunto de missivas, o assunto inicial é a biografia de “Rodrigues de Abreu” – “trabalho bom como divulgação” – o que coloca Drummond em ponto afastado dos interesses de Domingos nessa época. Do mesmo modo, Drummond recusa o convite para publicar prosa no *Correio Paulistano*, por força de contrato de exclusividade com agência ESI. Mas se dispõe a colaborar com poesia: “se o ‘Correio’ estiver disposto a publicar poesias, coisa que os jornais daí geralmente não topam, posso mandar diretamente, pois minha combinação com o Pedroso não abrange esse gênero desacreditado...” (ANDRADE, 11 mar. 1947).

Um telegrama sem data legível, arquivado após a carta de 11 de março, parece ser o encerramento da primeira fase de diálogo epistolar entre os dois poetas: “Muito grato suas palavras cativantes no *Correio Paulistano* Carlos Drummond de Andrade”.

---

<sup>18</sup> Cabe registrar aqui duas das cartas de Domingos para Drummond, citadas e comentadas por Camilo (2020, p. 158-159): a que foi enviada em 17 de outubro de 1946 e a de 1 de fevereiro de 47, esta última indicando poemas de “Laura Fonseca e Silva”, provavelmente a autora mencionada por Drummond.

Entre março de 1947 e maio de 1957, a suspensão dos envios por parte de Drummond ou sua eloquente mudez face a Domingos podem ser pensadas como a colocação em prática, por parte de Drummond, da posição a ser assumida diante de ataques e anteriormente explicitada: o completo silêncio. Passaram-se 10 anos com muito ataque a Drummond por parte dos poetas da “geração de 45”, especialmente nas páginas da *Orfeu*, sob o beneplácito e alguma colaboração do próprio Domingos.<sup>19</sup> O diálogo postal parece retornar, em 15 de maio de 1957, como começou: uma cartinha, quase um bilhete protocolar, apenas quatro linhas de obrigação de agradecimento por envio de livro, agora não mais de versos de Domingos, e sim a edição das “Obras completas” de Alvarenga Peixoto, organizada pelo poeta paulista. Desapareceram as menções mais afetuosas ou declarações de amizade, e o abraço é apenas cordial: “relações dolorosamente artificiais ou pelo menos exteriores, sem franqueza”, como disse Mário de Andrade (ANDRADE, 2002, p. 505). Passam-se mais dois anos, e em 8 de maio de 1959 encontramos outra cartinha, seis linhas datilografadas e ainda protocolar, agradecendo, desta feita, o envio do livro *A fênix refratária*, que mereceu alguns contidos elogios de Drummond: “A um primeiro exame, encontro em seu livro alguns poemas lidos antes em periódicos, e que são dos mais belos da sua autoria – isto basta para conduzir uma leitura geral, cheia de interesse. É o que eu vou fazer.” (ANDRADE, 8 maio 1959).

Passam-se quase quatro anos de silêncio quando, em 6 de janeiro de 1963, uma carta um pouco mais alentada é dirigida ao, novamente, “poeta e amigo”:

Deve ter sido o anjo torto do menino de Itabira que me induziu a ficar de bico fechado diante do enternecedor levantamento da minha infância, a que você procedeu – imagino como que trabalho e paciência – para o suplemento do “Estado”. Li, comovi-me, sorri em um ou outro

---

<sup>19</sup> Não há espaço, nos limites deste artigo, para o comentário acerca desses ataques e inclusão de outros missivistas que fazem parte do “arquivo DCS”, como Lêdo Ivo ou Fernando Ferreira de Loanda, que serão tratados em outra oportunidade.

passo pela habilidade que (sic) você supriu as lacunas da documentação – e finalmente encabulei.

Agora vem o seu lindo canto de Natal, e antes que o referido anjo me impeça de cumprir a mais grave das obrigações que é a de confessar-me grato, aqui estou para lhe dizer que você abriu um caminho para o meu coração, dedicando-me tão finas e generosas lembranças. De um aniversário entre chato e melancólico, tirou uma página de poesia; e transformou a convencional mensagem de boas festas em outro e delicado poema. (ANDRADE, 6 jan. 1963)

De fato, a mudança de tom é notável e parece que todos os entraves anteriores foram vencidos com o caminho para o coração – e o silêncio como reação aos ataques passados foi superado pelo insistente esforço de reaproximação empreendido por Domingos, bem sucedido, diga-se. No restante da carta, uma atmosfera de bate-papo entre amigos se instaura e um Drummond agradecido aborda vários assuntos de correspondências anteriores de Domingos deixadas sem resposta, esclarece dúvidas acerca de publicações, e conclui com um “afetuoso abraço”.

Se aparentemente as tensões entre ambos estavam superadas, isso não se traduziu em mais cartas. Outros três anos se passaram até novo cordial e protocolar cartão de agradecimento, datado de 23 de outubro de 1966, desta vez pelo envio de *A véspera dos mortos*, *Eros & Orfeu* e *Girassol do outono*. Cerca de um ano depois, 21 de novembro de 1967, vamos encontrar uma carta em resposta a duas outras enviadas por Domingos, com desculpas pela demora em responder e com agradecimento por novo artigo do poeta, agora radicado em Brasília, publicado no *Correio Braziliense* e, mais uma vez, elogioso ao “poema da pedra”. O final da carta traz um lamento e um espanto:

Aqui estamos todos siderados pela morte imprevista de Guimarães Rosa. Foi sempre espantoso, até no morrer. Ele próprio tão precavido, meticuloso e ciente de sua vulnerabilidade, não se lembrou de chamar o Prontocor, a poucas quadras de seu apartamento. Apelou para uma secretária distante, que lhe chamasse um médico, e o coração não esperou. Há uma pena geral. (ANDRADE, 21 nov. 1967)

Outro um ano e meio se passa, e apenas em 27 de junho de 1969 encontramos uma nova carta de Drummond, mais uma vez agradecendo o artigo elogioso de Domingos, sempre sobre o “poema da pedra”:

Reli, sim, em tempo, no “Correio da manhã”, seu excelente artigo sobre a minha pedra<sup>20</sup>. Já agora, não posso arrepender-me de haver composto esses versos minerais; se eles provocaram muita pedrada em minha cabeça, também foram objeto de algumas análises compreensivas e valorizadoras, entre as quais destaco essa de você, a quem mais uma vez agradeço o interesse que dispensou ao poema e ao livro-antologia. (ANDRADE, 27 jun. 1969)

A carta segue por mais dois parágrafos, também com agradecimentos por gentilezas e homenagens promovidas por Domingos, talvez um nítido movimento de aproximação que antecedeu a retomada, em 1976, da defesa e da memória da “Geração de 45”, através da *Revista de Poesia e Crítica*. E talvez sintomaticamente, esta última carta, a que se seguirão dois cartões protocolares – cartão de agradecimento e reciprocidade em votos de feliz ano novo, de 2 de janeiro de 1970, seguido de outro agradecimento, em 12 de janeiro de 1974, pelo envio da segunda edição das traduções de Neruda – esta última carta também termina com o lamento pela morte de Manuel Bandeira, ocorrida um ano antes:

Você me pergunta ainda sobre os últimos dias de Bandeira. Foram tão tristes que se torna penoso lembrá-los. O poeta foi perdendo pouco a pouco o gosto de viver, que nele era tão forte e agia como elemento compensatório da doença crônica e das experiências cruéis. A morte de Madame Blank e a de uma amiga querida, Dulce Pontes (a Lucila Godói da “Antologia de Bissexto”) acabaram por liquidá-lo. Doía-nos vê-lo nesse estado, em contraste com o lépido e participante Bandeira de tantos anos. Enfim, resta a pura lembrança de toda uma vida, para nos consolar desse epílogo. (ANDRADE, 27 jun. 1969)

---

<sup>20</sup> O artigo a que Drummond se refere – “Ritmo, rima, estrutura” (SILVA, 1967) – está ligado ao estudo do ritmo e da rima na poesia modernista, de que Domingos vinha tratando desde o início da década de 1950.

Certamente o pedido de informações sobre os últimos dias de Manuel Bandeira parecia funcionar como um pedido de retomada da cumplicidade, da conversa de amigos, quase ao pé do ouvido, o que, ao menos com os dados de que dispomos, não aconteceu. A essa carta, seguiram-se dois cartões protocolares de agradecimentos, datados de 2 de janeiro de 1970 e de 12 de janeiro de 1974. Nenhum novo aconselhamento, nenhuma discussão acerca da poesia e de seu rumo, ficando talvez a morte como último assunto a ser compartilhado. O tempo da discussão de rumos da poesia passara para ambos, e o silêncio como resposta aos ataques parece ter sido a grande estratégia nesse diálogo interrompido. Enfim, como disse Drummond, resta a pura lembrança registrada nas pastas de um arquivo.

#### “DEAR POET”: CDA’S LETTERS TO DCS

##### ABSTRACT

Until now unpublished, the 21 letters that Carlos Drummond de Andrade sent, over 31 years (1943-1974), to Domingos Carvalho da Silva were filed by the receiver together with other letters received from different writers. Such correspondence shows the dialogue between both, a dialogue that, however, goes beyond the tensions between the modernist poet and the defender of the “Geração de 45”, silencing them, leaving them only underlying. In this article, the purpose is to show this set of letters, through commented fragments, in order to highlight another side of the relationship between these two poets, often located in opposite and antagonistic fields of Brazilian poetry after 1945.

KEYWORDS: Correspondence. Generation of 45. Carlos Drummond de Andrade. Domingos Carvalho da Silva.

---

#### “QUERIDO POETA”: LAS EPÍSTOLAS DE CDA PARA DCS

##### RESUMEN

Hasta ahora inéditas, las 21 cartas que Carlos Drummond de Andrade envió, a lo largo de 31 años (1943-1974), a Domingos Carvalho da Silva fueron archivadas

por el destinatario junto con otras cartas recibidas de distintos redactores. Tal correspondencia resalta el diálogo entre ambos, un diálogo que, sin embargo, va más allá de las tensiones entre el poeta modernista y el defensor de la “Geração de 45”, silenciándolas, dejándolas solo subyacentes. En este artículo, el propósito es presentar este conjunto de epístolas, a través de fragmentos comentados, para resaltar otro lado de la relación entre estos dos poetas, a menudo ubicados en campos opuestos y antagónicos de la poesía brasileña posterior a 1945.

PALABRAS CLAVE: Correspondencia. Geración de 45. Carlos Drummond de Andrade. Domingos Carvalho da Silva.

---

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 23 mar. 1943. 1 cartão.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 31 out. 1943. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 8 nov. 1943. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 9 nov. 1944. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 20 fev. 1944. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 4 ago. 1945. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 04 jan. 1946. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. mar. 1946. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 10 out. 1946. 1 carta.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 10 jan. 1947. 1 carta.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 11 mar. 1947. 1 carta.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 15 maio 1957. 1 cartão.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. maio 1959. 1 carta.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 6 jan. 1963. 1 carta.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 21 nov. 1967. 1 carta.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 27 jun. 1969. 1 carta.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 2 jan. 1970. 1 cartão.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. [*Correspondência*]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 12 jan. 1970. 1 cartão.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário*: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Depoimento sobre a geração de 45. *Revista de Poesia e Crítica*, v. 1, n. 2, p. 2-19, dez. 1976.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Primeiro Congresso Paulista de Poesia. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 51-56, 1948.
- SILVA, Domingos Carvalho da. *Imensidade*. São Paulo: Academia de Letras da Faculdade de Direito de S. Paulo, 1934.
- SILVA, Domingos Carvalho da. *Bem-amada Ifigênia*. São Paulo: Editora Fora do Comércio, 1943.

SILVA, Domingos Carvalho da. Os sapos contra Drummond. *Correio Paulistano*, n. 26885, p. 6, 31 out. 1943. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspxbib=090972\\_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=16645](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspxbib=090972_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=16645) Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Rosa extinta*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Espada e flâmula: poemas de circunstância* (1945). São Paulo: Edição da Revista Brasileira de Poesia, 1950.

SILVA, Domingos Carvalho da. Um prefácio e outros equívocos. *Correio Paulistano*, n. 00025, p. 4, 9 nov. 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=764302&pesq=%22fora%20de%20forma.%20finados%22&pagfis=388>. Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, Domingos Carvalho da. Um menino de Itabira. *Suplemento literário de O Estado de S. Paulo*, n. 00303, p. 1, 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098116x&pasta=ano%20196&pesq=Itabira&pagfis=1848> Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, Domingos Carvalho da. Ritmo, rima e estrutura. *Correio da Manhã*, p. 2, 16 dez. 1967. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22livros%20e%20ideias%22&pasta=ano%20196&pagfis=88246](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22livros%20e%20ideias%22&pasta=ano%20196&pagfis=88246) Acesso em: 19 maio 2021.

---

Submetido em 30 de maio de 2021

Aceito em 30 de junho de 2021

Publicado em 19 de setembro de 2021

---